



Victor Augusto Guerra Cardoso formou-se em julho deste ano em Economia, na USP, curso que iniciou em 2005. Fez vários estágios durante a faculdade e agora prepara-se para entrar no mestrado. Em sua avaliação, o mercado de trabalho dos economistas ainda não retornou ao nível de antes da crise, mas para o ano que vem já está todo mundo esperando um crescimento bom.

► Victor A. G. Cardoso

“Aqui sempre gostei mais de Humanas, mas tinha mais facilidade em Exatas.”

JC – Além da Fuvest, você prestou outros vestibulares?

Victor – Só prestei Fuvest. Meus pais fizeram USP, sempre morei perto da USP, ia para lá quando pequeno – tenho carteirinha de lá desde os sete anos de idade – e sempre quis estudar lá. Não quis prestar em outro lugar, se precisasse faria o cursinho.

Quando você começou a se interessar por Economia?

Sempre gostei de Economia. Lá em casa tinha muita discussão política e econômica. Gostava de ler jornal, comentar opiniões, era o que me interessava mais.

Quando você definiu que ia seguir essa carreira?

No 3º ano. Antes eu ainda estava na dúvida entre cinco carreiras: Economia, Engenharia de Produção, Administração, Relações Internacionais e Direito. Aqui sempre gostei mais de Humanas, mas tinha facilidade em Exatas. Fiz a Olimpíada Brasileira de Matemática, depois comecei a fazer a Olimpíada Brasileira de Física, mas sem me destacar como o pessoal que vai para internacional.

Quando decidiu prestar Economia, você manteve sua rotina de estudo ou se ateu ao que vinha fazendo antes?

No colégio tem prova todo dia e você estuda sempre. Eu estudava para a prova, geralmente à noite. No 3º ano peguei mais pesado, ficava o dia inteiro estudando aqui, até as 6 horas da tarde. Tinha um monte de gente que ficava também. Você estuda, conversa, um ensina o outro.

Por que você preferiu fazer Economia no curso noturno?

Eu pensei em estudar à noite por causa do estágio. Mas na FEA eles barram, tem de completar 25% do curso, para fazer estágio de quatro horas, e 50%, para estágio de seis horas. Mais de seis horas agora não pode, pela lei, mas antes a FEA já não deixava.

Como era o esquema de aula? Você teve alguma dificuldade?

O primeiro semestre foi sossegado, no noturno eram cinco matérias. Achei que estava muito tranquilo e no segundo semestre peguei mais três matérias optativas. Uma no sábado e duas durante a semana. As matérias obrigatórias ocupam mais ou menos 60% do curso, o resto é tudo optativa. Tem certas restrições, mas pode-se fazer



Nesta Edição

entrevista	1
Carreira – Economia	1
desafio	4
Um por dia(?)	4
conto	5
A última receita – Machado de Assis	5
artigo	8
Dedos da evolução	8
sobre as palavras	8
Tudo nos trinques	8

matérias em outras faculdades. Um amigo meu fazia uma matéria de Astronomia, não tinha nada a ver. Mas o pessoal normalmente fica dentro da FEA, vai um pouco para Administração, Contabilidade, pega uma matéria aqui, outra lá.

Como se desenvolve o curso de Economia na FEA?

No 1º ano tem introdução às matérias clássicas: Cálculo, um pouco de Contabilidade. No segundo semestre pega um pouco mais, começa a ter Microeconomia e Estatística. No 2º ano você aprofunda um pouco mais em Microeconomia, tem toda a parte de Macroeconomia e desenvolve mais Estatística. No 3º ano entra História [do Pensamento Econômico] e termina a parte de Estatística. No curso há cinco matérias envolvendo a área de Estatística, dois anos e meio tendo Estatística. No 4º e 5º ano terminam Micro e Macroeconomia e abre o leque de optativas. Nos últimos anos você só faz optativas, alguma matéria obrigatória que deixou passar e a monografia.

O curso de Economia está diferente de quando você entrou?

Pouca coisa, colocaram umas matérias a mais. Exatamente no meu ano incluíram Informação Econômica e Social do Brasil, que é uma matéria mais ligada à História.

Quando optou pela carreira, você já tinha uma ideia clara do que é Economia?

Minha ideia de Economia foi mudando com o tempo. O pessoal vê muito modelo econômico, tem bastante Matemática – a parte de Matemática e Estatística é o instrumental para a gente. Tem a parte de Teoria Econômica, onde você aprende o que é Macroeconomia e o que é Microeconomia. Juros, Banco Central, taxa de desemprego, PIB, são estudados na Macroeconomia. Empresas, os consumidores são parte da Microeconomia.

No último ano, o que você fez?

No último ano eu estava em estágio e fiz uma matéria de Finanças, uma de Macroeconomia e a monografia, que foi mais para a área de Finanças também.

Você fez vários estágios. O estágio é obrigatório?

Na Economia, não. Mas dificilmente as pessoas não fazem. Não é obrigatório, mas se você chegar em uma empresa ao terminar a faculdade e falar que não fez nada...

Qual foi seu primeiro estágio?

Foi no 2º ano, de maio até dezembro, no Departamento de Competitividade e Tecnologia da Fiesp. Eles tentavam ver a competitividade do Brasil, calcular, fazer um *ranking*; tem todo um modelo econométrico, que eu na época não fazia a mínima ideia do que era. Foi interessante, mas vi que lá eu não ia me desenvolver tanto. Resolvi sair.

Você emendou logo outro estágio?

Voltaram as aulas, fui para a Asset Management, uma gestora de recursos financeiros. Trabalhei na mesa de operações, com fundo de investimento, ações. Foi a área de que eu mais gostei. Só que o trabalho era muito pesado. O

estágio era de seis horas, mas chegava a trabalhar 10 horas na época de aula e 12 horas nas férias. Trabalhava três vezes mais e ganhava quatro vezes mais que na Fiesp. E ainda tinha bônus de estagiário, semestral, que chegou a dobrar meu salário.

Mesmo com o ritmo tão puxado, você gostava?

Gostava, mas foi a época que mais me afetou fisicamente, porque acordava supercedo. Às vezes, ia ver à noite como estava a bolsa do Japão, saber como ia ser o dia seguinte, chegava mais cedo, preparava reunião, apresentava como estavam os fundos e tinha de dar ideias. Foi a época em que mais aprendi, eu me sentia um pouco mais analista do que estagiário. Nunca tinha tido Finanças como matéria. Aprendi tudo lá, direto. Só que estava acabando com minha vida. Comecei a não ir à faculdade, saía do trabalho às 7 horas da noite, ia para casa.

E a faculdade?

Eu ia à faculdade pegar as coisas, imprimir isto, aquilo. Aula mesmo, muito pouco. Desapareci. Tinha amigo que me chamava de turista.

Você ficou nesse trabalho quanto tempo?

Sete meses. Saí no começo do 4º ano.

O que fez depois desse segundo estágio?

No 1º ano eu tinha prestado concursos públicos para nível médio. Técnico do Banco Central, Banco do Brasil. Passei no concurso do Banco do Brasil e fui chamado depois do meu segundo estágio. Demoram para chamar.

Você foi trabalhar no Banco do Brasil?

Fiquei um mês e pouco, de março a começo de abril, no atendimento ao cliente. Era tranquilo, eu trabalhava seis horas, das 10 da manhã às 4 da tarde. Mas isso não era para mim. Dei um tempo e voltei a procurar estágio, sempre indo um pouco mais para a área de finanças. Entrei no fundo de pensão da Fundação Cesp, que cuida do dinheiro dos funcionários das elétricas. Fiquei um tempo lá, em análise de investimentos. E aí fui chamado pelo HSBC, departamento econômico dessa vez.

Todas essas mudanças no ano passado, no 4º ano?

Isso. No ano passado, saí da Asset Management, entrei no Banco do Brasil, fiquei um mês e pouco, procurei estágio de novo, entrei na Fundação Cesp, fiquei um mês e saí direto para o HSBC. Comecei no início de agosto e fiquei até fevereiro. Eu estava no meio das crises, foi emocionante e um bom aprendizado.

Esse foi seu último estágio?

Isso. O começo para mim foi superbom, tinha bastante liberdade, trabalhava direto com o economista-chefe do banco. Foi um aprendizado mais econômico. Não é tanto a área que eu pretendo seguir, mas foi bom conhecer.

A partir de fevereiro deste ano você priorizou terminar o curso?

Conversei com o meu chefe para saber da possibilidade de efetivação, já que eu estava para terminar o curso. Ele disse que não havia orçamento. Então saí, porque já tinha outro projeto, que é fazer mestrado em Economia. A Fipe



[Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas] tem um curso preparatório para mestrado, que estou fazendo desde março. Agora comecei a pegar pesado mesmo. O dia inteiro estudando.

Como é a seleção dos candidatos a mestrado?

A forma de entrar no mestrado em Economia é diferente de outros cursos. Há um exame nacional, aplicado pela Anpec, que é a Associação Nacional dos Centros de Pós-Graduação em Economia. A prova tem cinco matérias para classificar: Microeconomia, Macroeconomia, Estatística, Economia Brasileira e Matemática. Cada faculdade dá um peso para cada prova. Algumas faculdades estão adotando essa prova também para doutorado. A prova é disputada. Só testes. Uma questão errada elimina uma certa. Essa é a dificuldade, não pode errar.

Onde você pretende fazer mestrado? Na USP mesmo?

Eu posso prestar para seis faculdades. As melhores faculdades conhecidas são a USP, a PUC Rio e a FGV Rio. Coloquei essas e também a FGV São Paulo. Mas a primeira opção é a USP.

Você fez bons estágios, tem boa experiência de mercado, mas pretende continuar estudando. Como isso é importante para sua carreira?

Continuar estudando é sempre bom. Mesmo que não fizesse o mestrado, eu ia fazer alguma outra coisa. Não dá para parar muito de estudar ou trabalhar. Nas áreas de finanças há algumas coisas necessárias, como obter o CAF [Certificado de Analista Financeiro], que é importante para as áreas de investimento. São três anos de provas. E para ter o título, você precisa de quatro anos de experiência depois de formado.

Como está o mercado de trabalho para o economista?

Está se recuperando. No meio da crise, a contratação caiu vertiginosamente. Agora deu uma estabilizada, está em um nível melhor, mas foi uma época muito difícil para o pessoal que se formou no final do ano passado. As empresas deram um tempo. Teve fusão de bancos, muita gente cortada, mas é uma coisa que já começou a reverter. Ainda não está como no período antes de crise, que estava contratando muito, mas para o ano que vem já está todo mundo esperando um bom crescimento.

Quais são as áreas de atuação do economista?

Como economista mesmo, trabalhando com projeções, é um pouco mais restrito. Tem as áreas econômicas dos bancos, para clientes e para gestão de fundos. E consultorias econômicas que prestam serviço para empresas. Uma área que estava crescendo muito é a de finanças, bancos de investimentos, gestão de bens e, dentro de bancos normais, você tem o mercado financeiro se desenvolvendo muito rápido. Outra opção é fazer processo de *trainee* numa empresa, já visando ser contratado como gerente. E também tem a consultoria estratégica, que acho interessante.

Como você avalia sua caminhada até aqui na carreira, e qual seu próximo passo?

Está seguindo de forma natural. Passei no vestibular direto, não me atrasei em nada na faculdade. Penso em prestar

concurso público ligado à minha área, para analista do Banco Central, e estou na expectativa do mestrado. Se não der, vou procurar um processo de *trainee*.

Como você se imagina daqui a 10 anos?

Eu me imagino trabalhando numa área interessante, mais de finanças ou talvez no setor público. E já pensei em montar uma gestora de recursos, mais para frente.

Que dicas você pode dar a quem escolheu Economia?

Economia é legal para quem gosta, tem facilidade com Matemática e afinidade com História e Geografia Política. É o principal, porque vai entender melhor Economia. E, se não gostar da carreira, a pessoa pode mudar. Conheço uma pessoa daqui que saiu de Economia para entrar em Medicina. Estava se formando e está no cursinho. Podia até ter escolhido Medicina um pouco mais cedo, mas é o que realmente quer agora.

Como o colégio foi importante para você, no vestibular e na faculdade?

O colégio aqui dá uma superbase. Tem coisas que fui ver na faculdade, que meus amigos não tinham tido, e eu tinha tido aqui. Tem matérias que estudei praticamente tudo no colégio e tive de novo na faculdade.

Você tem amigos da época do colégio?

Tenho, mas ainda perdi contato com muitos que foram para outras faculdades, como a Unicamp, a Unesp. Mesmo assim, a gente se encontra. Agora estou revendo mais as pessoas.

Que lembranças você tem do colégio?

Tenho saudades dos amigos, da época do 3º ano, quando eu ficava bastante tempo no colégio e peguei mais amizade com as pessoas. Lembro bastante disso. Lembro da amizade com o pessoal, dos professores, das brincadeiras. A gente até fez uma camiseta na época, brincando que tinha feito mais provas que amigos. Na verdade, os amigos que fiz foram para sempre. Tenho amigos da época do colégio que não imagino perder hoje.

O que mais você quer dizer para o pessoal?

Tem de ser confiante, tem de saber o que quer e ir atrás.



Jornal do Colégio ETAPA

Editado por Etapa Ensino e Cultura
Redação: Rua Vergueiro, 1 987
CEP 04101-000
Paraíso – São Paulo, SP

Jornalista Responsável
Egle M. Gallian – M.T. – 15343
